

APRESENTAÇÃO

O Imazon está realizando levantamentos mensais dos preços médios de madeira em tora nos estados da Amazônia Legal (Acre, Amazonas, Amapá, Maranhão, Mato Grosso, Pará, Rondônia e Roraima) (Figura 1). Isso é importante para a definição de um índice de preços de madeira a exemplo do que ocorre com produtos agrícolas.

Este é o primeiro boletim gerado pelo Imazon com a colaboração de empresários e gerentes do setor madeireiro em toda a Amazônia.

Dúvidas e sugestões ao Boletim podem ser enviadas para o Imazon pelo e-mail polos@imazon.org.br ou pelo telefone (91) 3249-1122.

TABELA 1. Preços médios ponderados de madeira em tora posta no pátio - Outubro de 2009.

Praças	Alto Valor (R\$/m ³)	Médio Valor (R\$/m ³)	Baixo Valor (R\$/m ³)	Preço Médio (Praça)
Belém ¹	586	389	349	416
Altamira ²	353	225	142	258
Sinop ³	372	246	179	248
Alta Floresta ⁴	295	243	199	233
Belém-Brasília ⁵	401	221	173	204
Estuário ⁶	310	216	128	204
Vilhena ⁷	310	209	161	200
BR-163 ⁸	293	141	132	192
Apuí ⁹	358	172	151	183
Rio Branco ¹⁰	223	188	147	179
Boa Vista ¹¹	300	175	144	173
Manaus ¹²	-	174	169	172
Cujubim ¹³	328	173	140	167
São Felix do Xingu ¹⁴	350	188	118	155
Costa Marques ¹⁵	317	151	131	153
Preço Médio (Classe)	403	220	174	221

¹ Inclui os municípios de Belém, Ananindeua, Benevides, Marituba e Santa Bárbara.

² Inclui os municípios de Altamira, Anapu, Brasil Novo, Medicilândia, Pacajá, Placas e Uruará.

³ Inclui os municípios de Cláudia, Feliz Natal, Marcelândia e Santa Carmen.

⁴ Inclui os municípios de Alta Floresta, Apiacás, Guarantã do Norte, Nova Bandeirantes, Nova Monte Verde, Novo Mundo, Paranaíta e Juruena.

⁵ Inclui os municípios de Abel Figueiredo, Breu Branco, Concórdia do Pará, Dom Eliseu, Goianésia do Pará, Jacundá, Nova Esperança do Piriá, Novo Repartimento, Paragominas, Rondon do Pará, Tailândia, Tomé-açu, Tucuruí e Ulianópolis.

⁶ Inclui os municípios de Senador José Porfírio, Almeirim, Baião, Breves, Cametá, Macapá, Moju, Portel, Porto de Moz e Porto Grande.

⁷ Inclui os municípios de Vilhena, Cerejeiras, Corumbiara, Comodoro, Pontes e Lacerda, Alta Floresta D'Oeste, Cacoal, Chupinguaia, Colorado do Oeste, Espigão do Oeste, Pimenta Bueno e Rolim de Moura.

⁸ Inclui os municípios de Itaituba, Novo Progresso, Rurópolis, Santarém, Trairão, Óbidos e Oriximiná.

⁹ Inclui os municípios de Apuí, Humaitá, Manicoré e Novo Aripuanã.

¹⁰ Inclui os municípios de Capixaba, Rio Branco e Sena Madureira.

¹¹ Inclui os municípios de Boa Vista, Caracará, Mucajaí, Rorainópolis e São João da Baliza.

¹² Inclui os municípios de Manaus, Itacoatiara e Novo Airão.

¹³ Inclui os municípios de Alto Paraíso, Ariquemes, Buritys, Candeias do Jamari, Cujubim, Itapuã do Oeste, Machadinho D'Oeste, Nova Mamoré, Porto Velho e Vale do Anari.

¹⁴ Inclui os municípios de Cumaru do Norte, Itupiranga, Marabá, Nova Ipixuna do Pará, Parauapebas, Redenção, Santana do Araguaia, São Felix do Xingu, Tucumã e Xinguara.

¹⁵ Inclui os municípios de Costa Marques, Alvorada D'Oeste, Campo Novo de Rondônia, Jaru, Ji-Paraná, Mirante da Serra, Monte Negro, Parecis, São Francisco do Guaporé, São Miguel do Guaporé e Seringueiras.

Preços Médios de Madeira em Tora

O preço médio ponderado da madeira em tora posta no pátio na Amazônia foi de R\$ 220/m³ em outubro de 2009. A Praça Belém foi a que apresentou o maior preço médio, R\$ 416/m³. O preço médio da madeira em tora nas praças paraenses foi o maior dos estados da Amazônia, R\$ 249/m³. As duas praças de Mato Grosso apresentaram preços médios entre R\$ 199 a R\$ 371/m³, com média geral de R\$ 241/m³. Em Rondônia, Vilhena possui o maior preço médio geral de madeira em tora (R\$ 200/m³), apesar de Cujubim e Costa Marques apresentarem preços maiores na classe de Alto Valor (R\$ 350 e R\$ 317/m³, respectivamente) (Tabela 1).

Composição da produção em diferentes praças

Na Praça Boa Vista, cerca de 90% do volume de madeira processada refere-se a espécies de baixo valor. O mesmo ocorre no estuário, já que o destino principal da produção é Belém, onde esta madeira se destina à construção civil de baixa renda. As praças de

Apuí (AM) e BR-163 (PA) tiveram maior participação relativa de espécies de alto valor em comparação a outras praças, uma vez que se localizam em fronteiras madeireiras mais recentes.

Custos de Exploração e Transporte¹

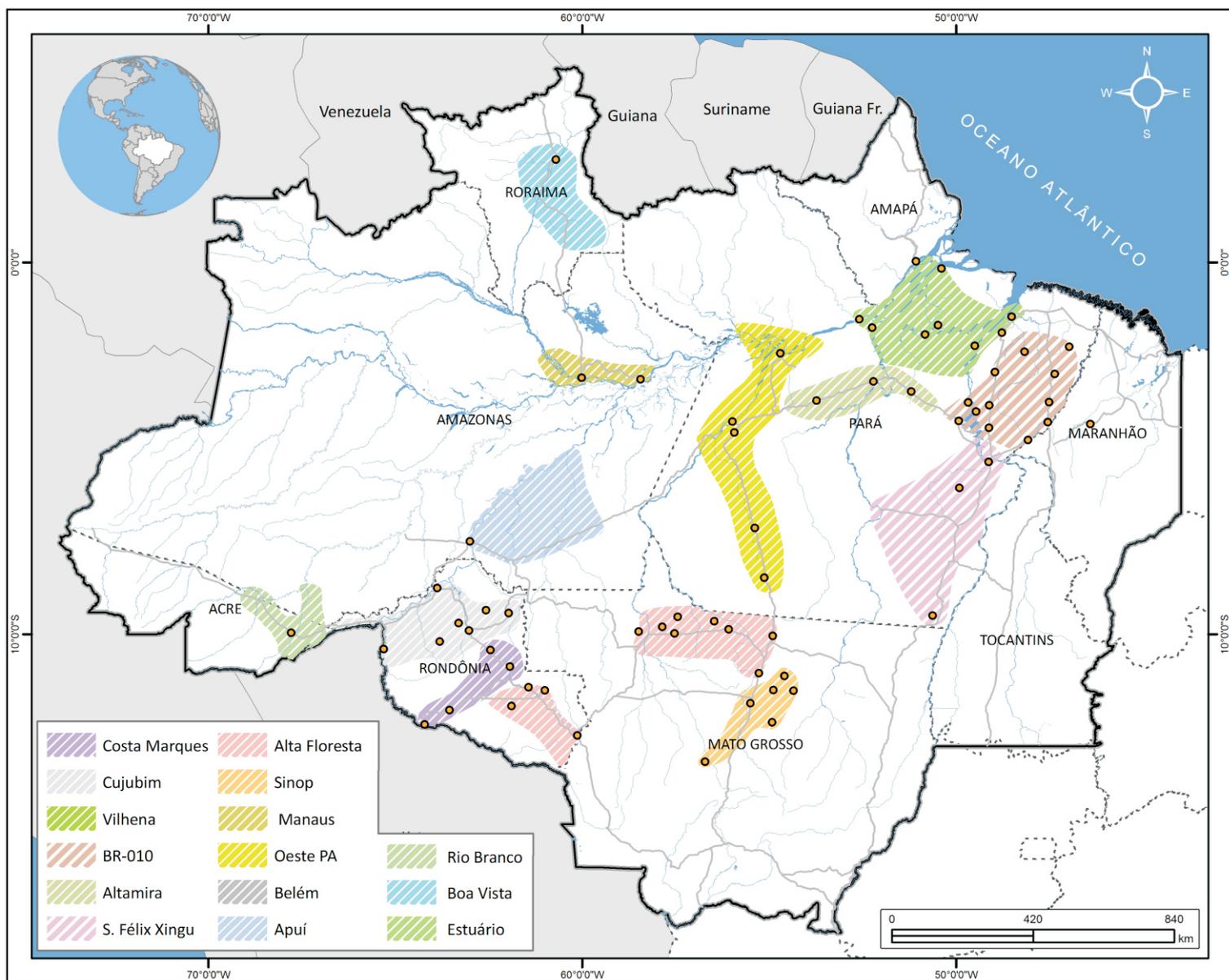
O custo de exploração de madeira em tora na Amazônia variou de R\$ 38/m³ (em Vilhena/RO) a R\$ 130/m³ (Belém/PA), com média de R\$ 62/m³ (Tabela 2). Os fatores que influenciaram nos custos foram o tipo de floresta explorada, a condição fundiária (área de manejo florestal, desma-tamento legal, etc.), os grupos de espécies extraídas e os equipamentos de arraste da madeira (Tabela 2). Quanto à distância de transporte de toras, Belém compra madeira de regiões mais distantes (418 quilômetros) quando comparada as outras praças. Entretanto, o custo do metro cúbico por quilômetro é o segundo mais barato da Amazônia (perdendo apenas para a Praça Manaus), pois a maioria do volume transportado é realizada por meio de balsas. As Praças Apuí/AM e BR-163 apresentam o maior preço de frete, R\$ 0,78 e R\$ 0,77/m³/km, respectivamente (Tabela 2).

TABELA 2. Custos médios de exploração e transporte de madeira em tora e distância média de transporte nas praças madeireiras na Amazônia - Outubro de 2009.

Praça	Custos e distância média de transporte		
	Custo de exploração (R\$/m ³)	Distância média (Km)	Custo de Transporte (R\$/m ³ /km)
Alta Floresta	44	96	0,51
Altamira	78	90	0,61
Apuí	56	76	0,78
Belém	130	418	0,19
Belém-Brasília	67	115	0,45
Boa Vista	73	105	0,55
BR- 163	70	91	0,77
Costa Marques	53	70	0,62
Cujubim	45	85	0,54
Estuário	51	60	0,72
Manaus	55	280	0,15
Rio Branco	90	81	0,43
São Félix do Xingu	40	108	0,55
Sinop	43	111	0,41
Vilhena	38	100	0,42
Média Geral	62	126	0,41

¹ Entende-se como custos de exploração o valor pago para a extração da madeira na floresta até o carregamento em veículo de transporte. O custo de exploração inclui os gastos com derrubada, arraste até o pátio principal e carregamento em veículo destinado ao transporte. O frete é o valor pago para transportar a madeira em tora desde o pátio de carregamento na área de extração até o pátio de processamento na empresa madeireira.

Figura 1. Abrangência das praças madeireiras definidas neste estudo.



Nota metodológica. Os dados são coletados por meio de ligações telefônicas ou correio eletrônico para os empresários e gerentes de empresas madeireiras. No caso deste primeiro boletim, o período de entrevistas ocorreu entre 02 e 16 de novembro de 2009 (ao todo, 11 dias úteis). Foram coletados preços de madeira em tora posta no pátio não beneficiada. Vale lembrar que os preços coletados são referentes a outubro de 2009.

Outras informações adicionais coletadas com os informantes são os custos de exploração florestal e de transporte de toras (entre as áreas de extração e o pátio das serrarias), além da distância de transporte.

As principais espécies florestais utilizadas atualmente pelo setor madeireiro, cujos preços foram coletados durante o levantamento, foram agrupadas em três *classes de valor*: alto, médio e baixo. As madeiras consideradas como alto valor, tipicamente, pertencem a espécies bastante

valorizadas nos mercados de exportação como madeira serrada e beneficiada, como o cedro, a itaúba e o ipê.

As espécies de médio valor, geralmente, são madeiras serradas comercializadas no mercado interno, como o jatobá, a maçaranduba e o anjelim-pedra. Madeiras serradas menos conhecidas e madeiras brancas são tipicamente classificadas como de baixo valor, como o amapá, o paricá e a oiticica.

Neste primeiro levantamento, contatamos 210 informantes de empresas madeireiras distribuídas em 15 praças (ou regiões de referência) nos sete estados abrangidos pelo estudo (Acre, Amapá, Amazonas, Mato Grosso, Rondônia, Roraima e Pará) (Figura 1). Como esta é a primeira tomada de preços do estudo, neste primeiro boletim ainda não há o índice de preços para a madeira em tora, e os dados serão apresentados agregados em médias ponderadas pela produção.

EQUIPE RESPONSÁVEL

Coordenação Geral:

Denys Pereira (Eng. Florestal - Pesquisador Assistente II)
Jayne Guimarães (Analista em Economia)

Equipe:

Alexandre Ribeiro (Técnico Florestal)
Daniel Santos (Pesquisador Assistente I)
Jime Rodrigues (Estagiária em Eng. Ambiental)
Marcílio Chiacchio (Analista em Economia)
Mariana Vedoveto (Analista em Engenharia Florestal)
Thiago Sozinho (Estagiário em Eng. Florestal)

Supervisão:

Adalberto Veríssimo (Pesquisador Sênior)

Fonte de Dados:

Dados de campo